

# Proposta aproxima português lusitano do brasileiro

**JAIR RATNER**  
De Lisboa

Pela sétima vez, aparece uma proposta de acordo de unificação ortográfica entre Brasil e Portugal. A Academia das Ciências de Lisboa, depois do fracasso do último acordo ortográfico, nomeou uma comissão que já tem pronto, desde dezembro, um anteprojeto de unificação da língua. Objetivo: levar, finalmente, à diminuição das diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal.

O anteprojeto, que desde o mês passado encontra-se nas mãos da Academia Brasileira de Letras para análise, não pretende fazer com que os dois lados do Atlântico utilizem exatamente as mesmas letras para escrever as mesmas palavras. Com a experiência do último acordo —que nem chegou a ser votado na assembléia da República em maio a acusação de que os portugueses seriam obrigados a “escrever como os brasileiros”— os acadêmicos portugueses tomaram precauções. Mantiveram o trabalho no maior sigilo possível e consagraram no anteprojeto a proposta de dupla grafia, contentando os dois lados. Assim, tanto se poderá escrever fato como factu, recepção como recepção.

Nas palavras chamadas pelos portugueses de esdrúxulas —proparoxítonas para os brasileiros— cabem dois acentos: gênero (género) tanto poderá ter acento agudo quanto circunflexo, assim como o nome Antônio (ou António).

Outro ponto que a Academia das Ciências pretende unificar é a utilização do hífen, responsável pela maior parte das diferenças nos dois padrões do português. Assim, prefixos com a acentuação própria manteriam o hífen. No mesmo caso, estariam os prefixos hiper, super e inter —quando seguidos de h ou r— e os prefixos anti, contra, infra e archi (se seguidos pela mesma vogal com que terminam).

Para a elaboração da proposta, a Academia das Ciências fez um estudo estatístico de 110 mil palavras nos dicionários de Aurélio Buarque de Holanda, no vocabulário ortográfico da Academia Brasileira de Letras, no dicionário da Porto Editora e no vocabulário de Cândido de Figueiredo (os dois últimos portugueses).

Para a proposta ser considerada oficial, terá primeiro de ser convocada pelo governo português uma reunião da Academia Brasileira de Letras com a Academia das Ciências

e as equivalentes ou representantes dos governos dos países africanos de expressão portuguesa. Como os cinco países da África que utilizam o português tem uma reduzida parcela da população alfabetizada nessa língua —menos de 500 mil em pessoas em Angola (12,5% da população) e perto de 200 mil entre os 12 milhões de moçambicanos— as variações do português são muito menores em relação ao de Portugal.

### Letras extras

Entre as modificações propostas está a inclusão das letras k, w e y no alfabeto português. Segundo o gramático Celso Cunha, membro da Academia Brasileira de Letras, as medidas poderão ser adotadas no Brasil, desde que regulamentadas por lei federal. “Na época em que foram sugeridas, as modificações não tiveram boa aceitação. Foram refeitas e deverão ser reapresentadas aos países de língua portuguesa”, disse Cunha.

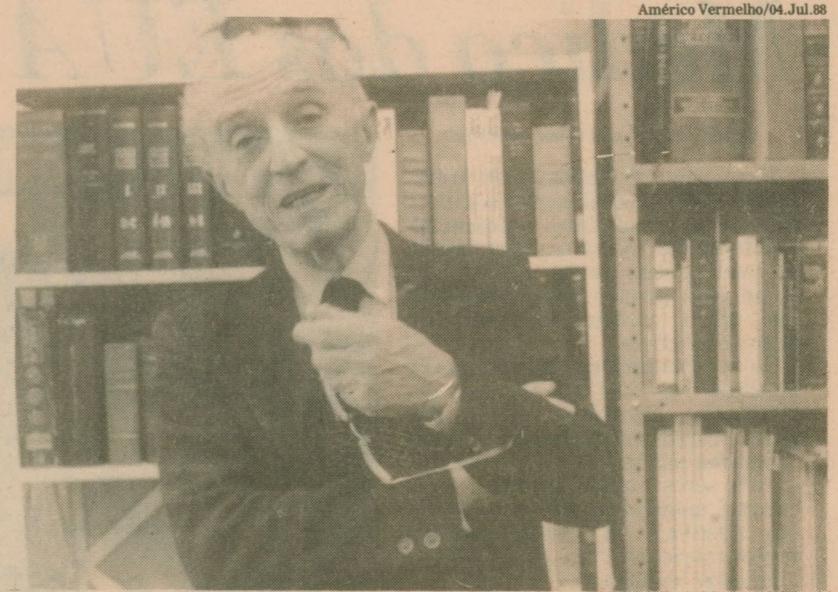
Celso Cunha afirma que as letras k, w e y sempre fizeram parte do alfabeto português, respeitadas algumas condições: uso em palavras derivadas de termos estrangeiros, símbolos químicos e abreviaturas. O filólogo Antonio Houaiss concorda:

“Essas letras jamais foram proscritas do alfabeto português. Se Portugal as introduziu oficialmente no alfabeto, apenas normalizou um fato que nunca deixou de existir”.

O presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, disse que a idéia que “norteou as medidas foi unificar a ortografia. O Brasil aceita as modificações sugeridas por Portugal, desde que elas visem a eliminação das diferenças ortográficas o máximo possível.”

O texto da última reforma ortográfica da língua portuguesa, aprovada pela Academia Brasileira de Letras em 29 de janeiro de 1942, estabelece que o “alfabeto português consta fundamentalmente de 23 letras”, de a até z. Além delas, “há três que só se podem usar em casos especiais: k, w e y”.

Segundo o professor de linguística da Escola de Comunicações e Artes da USP, Francisco Roberto Savioli, antes da reforma ortográfica existiam algumas regras para o uso dessas letras, mas “eu não consegui encontrar uma formalização delas nas minhas pesquisas”. Por isso, diz ele, “nós desconhecemos a maior parte das regras ortográficas do início do século”.



O filólogo Antônio Houaiss, no seu gabinete da Academia Brasileira de Letras

**VESTIBULAR**  
**UNIVERSIDADE**  
**DE ALFENAS-MG**

- MEDICINA
  - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
- (Modalidade Médica)